

Empresários querem Congresso forte

CORREIO BRAZILIENSE

CECILIA PLESE
Correspondente

7 DEZ 1984

São Paulo - O presidente da Abinee, Firmino Rocha de Freitas, afirmou ontem que os dois candidatos à Presidência da República inspirarão maior confiança à Nação e particularmente ao empresariado, se assumirem publicamente compromissos com o desenvolvimento nacional apoiado na livre empresa. Aquele que for escolhido em 15 de janeiro de 85, acrescentou, há de compreender que o Brasil já é suficientemente maduro para dispensar o paternalismo governamental.

No discurso que pronunciou no almoço anual de confraternização do setor eletroeletrônico, ao qual também compareceu o ministro da Indústria e do Comércio, Murilo Badaró, Firmino condicionou o respeito ao futuro presidente da República, ao atendimento de algumas condições básicas: fortalecimento das instituições democráticas, entre as quais o Congresso Nacional; formulação de uma política econômica prioritariamente orientada para a retomada do desenvolvimento e fruto de uma síntese das propostas apresentadas pelos diversos segmentos da sociedade; redução da participação estatal na economia; definição clara do sistema econômico a ser adotado, uma vez que o atual, nem capitalista nem socialista, não satisfaz; revisão da política nacional de informática com sua adaptação à realidade nacional; redução da participação do setor público na geração da poupança nacional, que provoca

violenta pressão sobre as taxas de juros e desestimula os investimentos de risco para favorecer os especulativos; criação de condições que permitam maiores aplicações na produção e na atualização tecnológica; incentivo às exportações; integração das camadas de população de baixo poder aquisitivo ao mercado de consumo e opção pelo fortalecimento da liberdade de iniciativa.

Ao analisar o desempenho do setor nos últimos 11 meses, o empresário declarou que ele permaneceu no mesmo ritmo de atividade do ano passado. Em outras circunstâncias, assinalou, isso não chegaria a ser motivo de regozijo, mas é preciso lembrar que a indústria eletroeletrônica acusou, nos últimos cinco anos, um comportamento regressivo, que ainda ao fim do primeiro semestre de 84 se traduzia em queda de oito por cento em relação a igual período de 83. Depois de salientar que os resultados desfavoráveis do início do ano foram compensados no segundo semestre, Firmino acrescentou que o ano terminava com a produção eletroeletrônica nos mesmos níveis registrados em 83.

Nem todos os segmentos do setor, porém, tiveram desempenho semelhante. Os equipamentos de telecomunicações caíram 11 por cento em relação ao ano passado. As áreas de imagem e som e de eletrodomésticos, por sua vez, fecharão o ano com queda de três por cento. Já os equipamentos de ge-

ração, transmissão e distribuição de eletricidade permaneceram estáveis, enquanto que os componentes eletrônicos e os equipamentos industriais tiveram crescimento respectivamente de dois e seis por cento, explicou Firmino.

A taxa mais elevada de crescimento, entretanto (21 por cento), foi alcançada pela área de informática. Não obstante, o empresário declarou que os mecanismos exagerados de intervenção governamental nesse campo, contra os quais a Abinee sempre se insurgiu, poderão emperrar seu desenvolvimento daqui para a frente, caso a normatização da legislação que regulará o assunto não consiga atenuá-los.

As exportações da indústria eletroeletrônica atingiram, em 84, cerca de um bilhão de dólares, dos quais 590 milhões em produtos eletrônicos e 410 milhões em produtos elétricos. Este comportamento, contudo não se traduz ainda em superávit da balança comercial de produtos do setor, ressaltou o empresário. Mas isso se deve muito mais à importação de equipamentos por parte das empresas estatais, através de financiamentos oferecidos por instituições como Bird e BID, por meio de concorrências internacionais, nas quais a indústria nacional não tem obtido êxito em competir satisfatoriamente com os fornecedores estrangeiros.